

Duelo de Absoluto e Relativos: os evangélicos, a heteronormatividade e o pós-tradicional

Emerson Sena Silveira ¹

DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v12i36.50987>

Resumo: Discuto neste artigo, a relação entre grupos evangélicos, heterossexualidade e o pós-tradicional e entrelaça conversas teóricas e revisão parcial de literatura. Problemático a relação entre heterossexualidade e evangélicos na esteira do conflito com as novas orientações de gênero e sexualidade. A ideia de grupos religiosos de naturalizar e sobrenaturalizar o vínculo entre evangélicos, heterossexualidade e virilidade revelam o caráter arbitrário, histórico e pós-tradicional que se deseja ocultar. Explícito os termos da equação cultural que alteram as vinculações entre tradição, sexualidade, verdade e religião, no caso do cristianismo evangélico. Imprimo ao texto duas tonalidades. Uma primeira traz reflexões teóricas de Bourdieu, Butler, Preciado e Giddens e uma segunda, orienta-se por fatos empíricos tomados como tipologia ideal-simbólica. É contra essa trincheira cultural que a resistência política e epistemológica LGBTQIA+ se ergue.

Palavras-Chave: Ordem Pós-Tradicional; Heterossexualidade compulsória. Evangélicos e LGBTQIA+

Absolut and Relatives Duel: evangelicals, heteronormativity and the post-traditional

Abstract: This paper discusses the relationship between evangelical groups, heterosexuality, and the post-traditional and interweave theoretical conversations and partial literature review. The relationship between heterosexuality and evangelicals is problematized in the wake of the conflict with the new orientations of gender and sexuality. The idea of religious groups to naturalize and supernaturalize the link between evangelicals, heterosexuality and virility reveal, in fact, the arbitrary, historical and post-traditional character that they mean to conceal. Terms of the cultural equation that alter

¹ Doutor em Ciência da Religião, antropólogo, com estágio pós-doutoral em antropologia e em ciência da religião, professor do Departamento de Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), atuando no programa de pós-graduação em Ciência da Religião da UFJF. Email: emerson.pesquisa@gmail.com., Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5407-596X>

the links between tradition, sexuality, truth, and religion in the case of evangelical Christianity are explained. The text is marked by two alternating tones. Firstly, it brings theoretic reflections of Bourdieu, Butler, Preciado and Giddens and secondly it is guided by empirical facts taken as ideal-symbolic typologies. The LGBTQIA+ political and epistemological resistance rises against this cultural trench.

Keyword: Post-traditional Order. Compulsory Heterosexuality, Evangelicals and LGBTQIA+

Enfrentamiento de Absolutos y Relativos: Los evangélicos, la heteronormatividad y el postradicional

Resumen: En este artículo, discuto, la relación entre los grupos evangélicos, la heterosexualidad y lo postradicional y entrelaza conversaciones teóricas y revisión parcial de literatura. Examino la relación entre heterosexualidad y evangélicos en el caudal del conflicto con las nuevas orientaciones de género y sexualidad. Los grupos religiosos tienen la idea de naturalizar y sobrenaturalizar el vínculo entre evangélicos, heterosexualidad y virilidad revelan el carácter arbitrario, histórico y postradicional que se desea ocultar. Analizo los términos de la ecuación cultural que alteran las vinculaciones entre tradición, sexualidad, verdad y religión, en el caso del cristianismo evangélico. Imprimo al texto dos tonos. Una primera trae reflexiones teóricas de Bourdieu, Butler, Preciado y Giddens y una segunda, se orienta por datos empíricos entendidos como una tipología ideal-simbólica. Es contra esa trinchera cultural que se levanta la resistencia política y epistemológica LGBTQIA+.

Palabras Clave: Orden Postradicional; Heterosexualidad obligatoria; Evangélicos y LGBTQIA+

Recebido em 13/11/2019 - Aprovado em 11/12/2019

Introdução

O texto que apresento discute alguns aspectos da relação entre evangélicos, LGBTQIA+², heterossexualidade e pós-tradicionalidade, vistos como tipologias antropológicas. Delinear as trincheiras da máquina de guerra reacionário-conservadora é fundamental para entender o terreno sobre o qual se move as resistências epistemológico-políticas que emanam dos universos gays, feministas e interseccionais. Debato alguns termos da equação cultural que altera as vinculações entre tradição, sexualidade, verdade e religião, no caso do cristianismo evangélico.

² Acrônimo que significa “Lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros, transsexuais, *queers*, intersexuais, assexuais e demais identidades”. As justificativas do significado estão disponíveis em: <<https://lgbtqiainfo.weebly.com/acronym-letters-explained.html>> Acesso em: 12 nov. 2019.

A questão e a hipótese deste artigo se desenham sob a seguinte configuração: por qual razão, ou razões, grande parte do mundo evangélico brasileiro investe na defesa de um ideal de masculinidade-heterossexual heteronormativa?³ Como hipótese, avento a possibilidade de que a tradição evangélica e seu *habitus religioso* associaram de maneira ontológica fé cristã professada, sexo e gênero. Os evangélicos a naturalidade (auto-evidência) quando foram obrigados ao jogo reflexivo da alta modernidade em busca de legitimidade, plausibilidade e manutenção da hegemonia perante os movimentos de afirmação e resistência política, teológica e epistemológica dos direitos dos LGBTQIA+. As reações dos evangélicos em defesa da suposta heterossexualidade e da família cristã diante das resistências e lutas sociais dos movimentos feministas e gays, refletem a irremediável perda da aura do masculino heterossexual cristão. Interesse-me mais pela produção de tipologias antropológicas/históricas e menos em detalhamentos de fronteiras identitárias e denominacionais (igreja A, B ou C) e quantificações de movimentos, grupos religiosos e não-religiosos. Não se ignora, no entanto, a importância das linhas históricas, culturais e políticas do mundo evangélico – a rigor em desenvolvimento desde 1808, com a vinda da Família Real portuguesa para o Brasil Colonial – e suas imensas variações, os detalhes, as especificidades de cada igreja ou movimento (protestantismo de imigração, protestantismo de missão, protestantismo pentecostal e neopentecostal) (ALENCAR, 2018). Assim, dou atenção às linhas transversais que atravessam esses grupos diante dos problemas de gênero/sexo/política, compreendendo as ideias presentes nas disputas no campo das ambíguas relações entre evangélicos, gênero e sexo. Por isso, entendo a resistência como termo múltiplo a envolver uma relação dupla e indissociável entre dois agentes e agenciamentos que, embora desiguais, assimétricos e diversos, travam, na contemporaneidade, um embate político, epistemológico e cultural, permeado por reatividades e ofensividades. Os evangélicos conservadores-reacionários resistem à ordem político-cultural moderna inaugurada com as revoluções liberais burguesas do século XVIII que demoliram a naturalidade da tradição religiosa majoritário-conservadora. As minorias (feminismos, LGBTQIA+, negros), por sua simples existência, são o contraponto vivo-visível da não-naturalidade/não-heteronormatividade presente nas relações sociais (classe, gênero e sexo). Igrejas, líderes e massas evangélicas conservadoras procuram construir uma ordem

³ Esse conceito nasce das críticas de Butler (2014) à Sigmund Freud (2012; 2014) e ao arcabouço das Ciências Humanas que consagraram um ponto absoluto, o da suposta natureza heterossexual do desejo e da libido. No decorrer das sociedades e histórias, a heterossexualidade foi amalgamada à ideia de masculino/feminino e família, em especial, a partir do surgimento da modernidade. É um ordenamento que impõe como absoluto e atemporal - em termos de sanidade, normalidade e epistemologia, arcabouço jurídico, político etc. - a heterossexualidade.

cultural religioso-reacionária pautada em ações políticas de grande amplitude (mídias, legislativo, judiciário, executivo). Mas, nem o Império, nem a Aliança Rebelde, para usar uma metáfora, são homogêneos e infensos. No coração negro imperial, a religião cristã e seus escritos sagrados podem estar à serviço da tentativa, por ora dominante e majoritária, de impor a ordem familiar mágico-religiosa-reacionária sobre as minorias sociais, mas também podem fundamentar uma resistência religiosa democrático-inclusiva, por ora minoritária, que desconstrói a ideologia reacionário-religiosa por dentro da própria religião e de seus escritos sagrados.

Do artificial-arbitrário ao êxtase-ontológico: uma linhagem masculino-heterossexual⁴

Os ritos, mitos e imaginários religiosos contêm imagéticas sobre o corpo, o homem, a mulher, o feminino, o masculino e a família que, de acordo com as histórias, afirmam posturas e modos de se comportar. O embate sobre a ordem cultural, histórica, biológica e religiosa do gênero e do sexo, em especial o masculino-heterossexual, está em seus primeiros passos. A hegemonia, ou o senso-comum dominante em uma época, naturalizada de um *modus operandi* másculo-heterossexual passa por uma transição de um tecido inconsútil ontológico e auto-evidente a um tecido consútil relativo-metafórico e metonímico.

As questões do feminismo e da homossexualidade, a reação religiosa aos debates e às políticas de garantia de direitos de minorias, entre as quais as LGBTQIA+, se tornaram fóruns reflexivos públicos, que vão desde as redes sociais eletrônicas, as mobilizações de grupos religiosos em geral e os espaços políticos (câmeras de representantes políticos e legislações). Essas reações religiosas assumiram uma face essencialista, ao contrário dos construtivismos, defendidos em campos acadêmicos e, mesmo, religiosos. Ambas as posições – essencialismo/absoluto e construtivismos/relativismos – existem nas teologias, teorias de gênero-sexualidade e nas coalizões políticas em defesa ou contra essas posições teóricas (SERRA, 2019). Apesar da desconstrução de absolutos ou pontos fixos, o mundo ocidental moderno e suas periferias sincréticas estão imersos em um constante fluxo histórico de longa duração, tomando aqui de forma mais livre o conceito de Braudel (1990).

Em uma breve história do absoluto, em termos culturais-filosóficos, a ideia de um absoluto ou uma identidade fixa (o Ser/Deus/Real/Fundamento), sofreu vários golpes, críticas e desconstruções ao longo do tempo. Tomamos um ponto de partida

⁴ O leitor tem em mãos um texto que utilizo recursos de estilo, como a hifenação de termos, na tentativa de dar conta de processos indissociáveis. É parte de um esforço hermenêutico para apresentar categorias de compreensão de uma realidade cambiante, complexa e conflituosa.

arbitrário, mas justificado, a crítica de Friedrich Nietzsche (2005; 2012) ao absoluto, a ideia de um fundamental total do real, fixo e inamovível, a famosa frase “Deus morreu, vocês o mataram”, embora as sombras do seu cadáver, os relativismos e niilismos, se estendam pela história (tempo múltiplo). Ou seja, perde-se o ponto de referência absoluto (morte de Deus[...], mas não os rastros, os pontos relativos de referência (os restos mortais divinos).⁵

No campo do gênero/sexualidade, Butler (2014), demole um o padrão heteronormativo, um ponto fixo (absoluto) construído e incorporado pela cultura ocidental moderna como um todo e que tem como base a hipótese freudiana do “pai das hordas”, seu assassinato pelos filhos e o tabu do incesto, ou seja, não se deveria desafiar a regra de procurar mulheres fora do círculo endogâmico (familiar, tribal). Supõe-se, sem questionar, diz-nos Butler (2014), que o “Pai Totêmico” toma para si as mulheres e não se relaciona com outros homens afetivo-sexualmente. Freud (2012) toma como padrão humano, a heterossexualidade em flagrante contradição com seu próprio argumento da bissexualidade originária? (BUTLER, 2014). A desconstrução do padrão heteronormativo significa, em termos nietzscheanos, a morte de Deus (absoluto) e o espalhamento de seus restos mortais (relativos). O espalhamento dos pontos relativos toma de assalto os grupos culturais e religiosos, em especial a partir do mundo contemporâneo, iniciado em fins do século XIX. A questão é que as sociedades contemporâneas, mais no centro e menos em suas periferias, acoplaram a identidade sexual à identidade social, gerando aí nomenclaturas homossexual ou heterossexual (CORRÊA; PARKER, 2011). Na posição essencialista ou absoluta, uma diferença social e historicamente construída de gênero, sexual, política e psicológica entre homens e mulheres é explicada e justificada a partir da biologia anatômica e da arquitetura genética. Na posição construtivista/relativista, a

⁵ Progressivamente, pontos absolutos foram derrubados por forças socioculturais, ou seja, não há mais possibilidade de um absoluto (e de suas representações) entendido fundamento único, legítimo, absoluto e total da uma realidade. A demolição de absolutos e a instituição dos relativos (morte de Deus e dispersão do seu corpo), é longa na cultura moderno-ocidental. Tomando do fim do século XIX em diante: a) em 1921, abolição do “ponto absoluto” da linguagem privada (o ser humano já nasce em redes de linguagem e por elas se faz ser e humano) por Wittgenstein; b) em 1927, a fundação do princípio da incerteza de Heisenberg (não se pode localizar e mensurar ao mesmo tempo, um átomo); c) em 1962, Thomas Kuhn demole, no coração da ciência, a ideia de correspondência absoluta e natural entre perguntas e respostas científicas (a ciência não caminha através de soluções fixas, dadas de uma vez para sempre, mas de soluções relativas, cada teoria é relativa à outra e à realidade a que se refere); d) em 1971, Richard Nixon, presidente dos EUA, oficializa a “morte de Deus” dentro do capitalismo: a demolição do acordo de Bretton Woods (de 1994), que instituiu a correspondência entre moeda e ouro, elegendo, por poder econômico, o dólar como padrão, baseado na confiança. Esses exemplos, dados, datas e argumentos estão disponíveis em: GHIRALDELLI, 2019.

diferença gênero-social e sexual, entre homens e mulheres é justificada a partir da arquitetura cultural, histórica, econômica e jurídica das sociedades.

É interessante observar como pesquisadoras militantes, como McClintock (2010), recusam o divórcio entre psicanálise e história social que aprisionou a psicanálise ao espaço privado, pessoal e subjetivo e elevou como dignas da esfera pública, a política e a economia. Decorre daí uma dupla crítica, contra o aprisionamento do desejo na cozinha idealizada da família vitoriana, expulsando os conflitos de classes sociais (trabalhadoras e burguesas) e contra a invisibilização do desejo, do gênero e da sexualidade nos embates políticos e sociais (MCCLINTOCK, 2010). No Brasil, a máquina de guerra reacionária evangélica político-cultural defende o modelo familiar vitoriano e assalta o Estado e seus aparelhos. Mostra, com isso, os múltiplos atravessamentos entre cozinhas privadas e mercados/prças públicas (MCCLINTOCK, 2010).

As posições feministas (em geral) e das minorias estavam às margens dos centros de decisão e legitimação (culturais e religiosos) do mundo moderno. Isso se altera, em especial, quando as mulheres assumem posições de luta e de questionamento em relação à anterior ordem sexual-cultural estabelecida. Passaram a pautar as lutas feministas⁶ o direito a votar e ser votada nas eleições legislativas, as novas formas de divisão do trabalho sexual, as novas estéticas do corpo e da vestimenta, as formas afirmativas sobre a maternidade e a gestação – e também o tema do aborto; às quais se seguiram a luta dos homossexuais (gays e lésbicas), prostitutas, travestis e, recentemente, dos transgêneros (FACHINI, 2005).

O arco temporal dessa transição é amplo, de larga envergadura e, por isso, construído de maneiras polêmicas, com recortes diversos, dependente do ponto a partir do qual se realizam os recortes metodológicos e epistemológicos (CORRÊA; PARKER, 2011). Contudo, penso que é possível identificá-lo a partir da segunda metade do século XIX e em momentos e eventos específicos, como a greve de mulheres que deu origem ao Primeiro de Maio, a patologização do corpo feminino como lugar da histeria, as primeiras lutas das sufragistas, as escritoras, intelectuais e atrizes em sua atuação pública (DAVIS, 2016).

Com a emergência da contracultura e dos *hippies*, das lutas pelos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, da descolonização da África e das lutas anti-*establishment* (anticoloniais, antimanicomiais, anticlericais), do movimento espiritual *new age*, enfim, de

⁶ Os feminismos e lutas feministas são diversos, amplos, com momentos diversos, em especial, desde meados a fins do século XIX ao século XXI: as sufragistas, as artistas, as filósofas como Simone de Beauvoir, o feminismo estadunidense, o europeu, as correntes radicais (que priorizam a luta de classes), o feminismo negro, o das periferias e latino-americano, a interseccionalidade (DAVIS, 2016; MILL, 2006; RIBEIRO, 2018).

um momento em que a geração nascida durante e após a Segunda Guerra Mundial começava a ter seus próprios filhos e filhas, estas pessoas começaram a se ver envolvidas em dilemas excruciantes em relação à educação da prole, à corporeidade, aos papéis sociais de homens e mulheres, aos modos de vestir e apresentar-se, aos cuidados pessoais etc. (VITAL; LOPES, 2013). Questões que se estenderam, de maneira mais ou menos intensa, pelo corpo da sociedade moderna e suas legislações, mercados, escolas e universidades e, malgrado a perspectiva conservadora, suas religiões, institucionais e não institucionais (CORRÊA; PARKER, 2011).

Então, modos de ser e viver como humano-homem-heterossexual atravessavam famílias religiosas e representações rituais e míticas (JURKEWICZ, 2019). Nesse sentido, o controle ascético do desejo e da vontade, mesmo em suas manifestações ditas normais (heterossexuais), deveria ser exercido, porque significa a domesticação do “animal” e sua progressiva “civilidade” (JURKEWICZ, 2019). Isso está presente nos catecismos, manuais, palestras e pregações católicas, evangélicas pentecostais e não-pentecostais, espíritas kardecistas, umbandistas cristãs. As manifestações de afeto entre homens, muito mais do que entre mulheres, tendiam a ser vistas como um território ambíguo e perigoso, com potencial para “desmasculinizar-desvirilizar” (JURKEWICZ, 2019). O sexo como órgão e prática não é nem lugar biológico, nem impulso natural, mas uma tecnologia de “dominação heterossocial” que reduz o “corpo a zonas erógenas [...] em função de uma distribuição assimétrica do poder entre os gêneros (feminino/masculino), fazendo coincidir certos afetos com determinados órgãos, certas sensações com determinadas reações anatômicas (PRECIADO, 2002, p. 22).

A inscrição do sexo como lugar biológico, feita por grupos e sociedades, tradições e estruturas sociais, é o texto, sendo o gênero, a escritura escarificada nos corpos, movimentos, gestos, gostos e estéticas (PRECIADO, 2002). Em outro sentido, a virilidade enquanto “quididade do *vir*, *virtus*, questão de honra, princípio de conservação e do aumento da honra mantém-se indissociável, pelo menos tacitamente, da virilidade física, através [...] das provas de potência sexual [...] que são esperadas de um homem que seja realmente homem” (BOURDIEU, 2010, p.20). As desconstruções sobre verdades sociais, religiosas e culturais construídas abriram novos caminhos de compreensão.

Todavia, no contexto dos duelos entre absoluto e relativos, começam nos anos 1990, indo ao fim dos anos 2000 e prolongando-se aos nossos dias, mobilizações anuais com a participação de milhões de brasileiros a ocupar ruas e avenidas das capitais e grandes cidades: as marchas evangélicas (Marcha para Jesus), as paradas gays (Parada Gay). As duas trazem em seu bojo, ideias e crenças relativas ao absoluto/fixo e ao relativo/construtivista e reivindicam dos poderes constituídos, o reconhecimento de sua prática e identidade. Uma disputa entre entronizar um ponto absoluto, Deus, tentando

uma ressurreição de seu corpo glorioso, e uma apreciação dos despojos e restos mortais, os pontos relativos, espalhados pela cultura e sociedade.

Sob a influência dos desdobramentos da Rebelião de Stonewall – ocorrida em Nova York em 1969 (COLLING, 2011) – as Paradas do Orgulho Gay (hoje LGBTQIA+), concursos de Miss Gay, Trans etc., reúnem travestis, transexuais, homossexuais e milhares de pessoas em rituais sociais que, apesar de variados, poderiam ser perfilados em três tipologias: desfiles das belezas LGBTQIA+ com a premiação, bailes de gala e o desfile público nas ruas importantes da cidade, com direito a *drag queens*, travestis, homens e mulheres com muitas fantasias e amplo público. Porém, em suas bordas, grupos religiosos evangélicos majoritários, panfletam e tentam se infiltrar, procurando reinstaurar a ideia de ponto fixo, a heterossexualidade heteronormativa conjugada com a família patriarcal, embora, simultaneamente, grupos de evangélicos minoritários, ligados a igrejas inclusivas, que tem crescido no Brasil, procuram mostrar a não-oposição entre fé e orientação afetivo-sexual⁷ (MUSSKOPF, 2004; 2005; 2012; JESUS, 2010).

O meio evangélico histórico, pentecostal e neopentecostal vive um forte crescimento nas últimas décadas, atingindo 22% (média nacional, sem considerar médias regionais e municipais, que podem ser o dobro) em 2010, com mais de 43 milhões de pessoas. O campo evangélico está articulado a uma forte atuação parlamentar nacional, estadual e municipal, com centenas de políticos eleitos para cargos eletivos por diversas igrejas. Há, em andamento, uma grande ocupação das estruturas do governo, acelerada com a eleição do presidente Jair Bolsonaro, que obteve 69% de votos do meio evangélico com uma pauta marcada por polêmicas como o combate a “ideologia de gênero”⁸, uma tentativa de ressurreição do corpo de Deus (o ponto fixo/absoluto).

A forte expansão desse campo traz toda uma série de profundos impactos sobre entroncamentos formados pelo espaço público, política e questões identitárias feministas

⁷ O movimento teológico e prático é muito amplo e acompanha a morte de Deus e o espalhamento dos restos mortais. Uma das últimas notícias, pinçadas aleatoriamente, é a posição pública da Autoridade máxima da Igreja Evangélica Luterana da Suécia, a arcebispa Antje Jackelén, defendendo a igualdade de gênero e casamentos homossexuais religiosos com base na Bíblia (SPERB, 2019).

⁸ Malfadado nome que foi inventado em círculos católicos estadunidenses nos anos 1990, no contexto da guerra cultural que rachou a sociedade e cultura dos EUA. A “ideologia de gênero”, um rótulo para negatar, condenar, perseguir e punir um amplo arco – diverso e multitudinário - de movimentos, ideias, crenças, grupos (religiosos e não-religiosos) que analisam a morte de Deus (o ponto absoluto) no campo do gênero/sexo/família.

e LGBTQIA+. Todo um universo de diferenciações internas do mundo evangélico ⁹, em que pese a teoria das três ondas ¹⁰ – questionada – e das expressões identitárias singulares e específicas, o que interessa ao texto é compreender os elementos transversais (ALENCAR, 2018). Há uma antiga e ampla movimentação no mundo evangélico que procura questionar o lugar natural da equação evangélico-cristão-heterossexual. Em 1968, por exemplo, um reverendo presbiteriano estadunidense rompe com sua igreja e funda a *Metropolitan Community Church* (MCC), que se expande pelo mundo e Brasil. Entretanto, o mundo das igrejas inclusivas ou gays, apesar de minoritário, expande-se, diversifica-se e diferencia-se na América do Norte e Latina (LEANDRO, 2010). O duelo entre as forças religiosas e sociopolíticas antagônicas rompeu-se e a balança, ao menos por esse momento, pendeu para a direita reacionário-conservadora.

Nas igrejas evangélicas são comuns pregações¹¹ recheadas de vigorosas acusações contra os gays, mas, também, pregações com uma intensa apologia ao comportamento masculino considerado correto e, volta e meia, a possibilidade de “corrigir” a homossexualidade – que oscila entre pecado, erros psicológicos dos pais ou defeito da natureza – e tornar-se heterossexual (NATIVIDADE, 2008). Dependendo de um dos três caminhos enunciados (pecado, erro moral de caráter ou defeito), emerge um espelhamento do construtivismo social, entendido como o conjunto de teorias que compreendem o gênero como uma construção sócio-histórica e plural, diversa no tempo e no espaço (NATIVIDADE, 2008). Os evangélicos reacionários utilizam “tecnologias de produção da heterossexualidade” – técnicas, discursos, rituais e mitologias empreendidos e aplicados para elevar homens e jovens à imagem ideal, homem-hétero-másculo-viril-pai.

Em panfletagens de grupos religiosos, pentecostais e neopentecostais, nas Paradas Gays – em São Paulo é um evento que reúne mais de dois milhões de pessoas – os materiais distribuídos costumam protestar contra um complot ou plano mundial gay, exaltam a família heteronormativa (homem e mulher com filhos) e alguns deles contêm trechos e imagens de “ex-travestis” e “ex-homossexuais”, convertidos e casados, com

⁹ Um pequeno exemplo de como o universo evangélico não pode ser tomado de forma uniforme e essencialista, é a revisão histórica ao papel da mulher na maior igreja pentecostal brasileira, a Assembleia de Deus e a expansão das novas teologias neopentecostais (teologia da prosperidade, da guerra espiritual). Costa (2019) chama atenção para um longo processo de não-reconhecimento do ministério feminino e a cristalização do patriarcalismo autoritário.

¹⁰ Teoria baseada nas investigações de Paul Freston (1995). Mostra-se insuficiente para dar conta das forças e tendências teológicas, organizacionais, litúrgicas e políticas que atravessam igrejas em modalidades e expressões transversais.

¹¹ Pregaço é o termo nativo usado para o momento em que, após a leitura de um trecho bíblico, um membro do movimento vai à frente do grupo e fala sobre a dita passagem.

filhos e filhas. Há também movimentos religiosos, mais inter-denominacionais, como o MOSES (Movimento pela Sexualidade Sadia), uma organização não-governamental evangélica fundada em 1997 pelo carioca Sérgio Viula, professor, teólogo e ex-pastor batista que pretendia ajudar as pessoas a deixar a homossexualidade¹². A agressiva militância heteronormativa cristã do líder desse movimento, que expressa uma ampla corrente evangélica, cedeu lugar a uma desconstrução, Viula, casado e com dois filhos, separou-se e assumiu-se gay e dedica-se a criticar as ideias veiculadas por essas iniciativas que têm crescido no meio evangélico.¹³ Podemos citar, além desta, o projeto IntelliMen¹⁴ (Igreja Universal do Reino de Deus) a Machonaria Cristã¹⁵ (inter-denominacional), que produzem uma socialização heterossexual-heteronormativa, com métodos, manifestos, manuais, discursos, treinamentos, rituais e reuniões.

Retro-utopia da reconstrução heterossexual religiosa: a vigília pela ressurreição de Deus

Como reação aos movimentos de afirmação dos direitos, identidade e modos de existir dos LGBTQIA+, alguns deles baseados em argumentos de natureza e ponto fixo identitário, começaram a pulular nos movimentos evangélicos clínicas de cura e técnicas de tratamento de desejos ou atrações homossexuais, com campanhas e mobilizações em torno da temática da restauração: homem restaurado em seu desejo, potência, natureza e missão – que é ser pai, homem, viril, heterossexual, segundo a crença cristã (LEMOS, 2009). Tais movimentos atravessaram tanto igrejas protestantes históricas quanto pentecostais, atingindo profundamente os movimentos carismáticos católicos e adquirindo diferentes estruturas nos países em que surgia, embora seu epicentro esteja situado nos EUA (LEMOS, 2009).

Nasceram as “terapias de conversão ou reversão” de pessoas LGBTQIA+ para a heterossexualidade, empreendidas em “clínicas” e seminários voltados para tratamento, cura e/ou libertação. Apesar de criticadas (com razão) por órgãos como o CFP (Conselho Federal de Psicologia), organizações para-eclesiásticas, ligadas às igrejas evangélicas, criaram toda uma tecnologia, uma prática, uma crença, um ritual e uma

¹² Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR67648-6014,00.html>>. Acesso em: 12 nov. 2019.

¹³ Entrevista dada a Revista Trip em 01 de novembro de 2011. Disponível: <<https://revistatrip.uol.com.br/trip/ex-cx-gay>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

¹⁴ Disponível em: <<https://blogs.universal.org/renatocardoso/intellimen/>>. Acesso em: 13 nov. 2019. Ver também em: <<https://blogs.universal.org/renatocardoso/intellimen-2-0/>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.reportermt.com.br/variedades//cristaos-se-reunem-em-evento-para-resgatar-masculinidade-perdida/102888>>. Acesso em: 13 nov. 2019.

simbologia na qual memórias dolorosas, emoções e comportamentos são dissociados e ressignificados (MACEDO, 2017). Os homens são convencidos que há um “sonho de Deus”: devem ser viris, heterossexuais e pais de família, honrados, honestos e dentro dos padrões morais e teológicos (LEMOS, 2009). O imaginário mítico desses encontros procura revigorar um ponto fixo, ancorado numa leitura popularizada, essencialista e errônea das teorias freudianas: fatos passados, tais como o pai distante e frio, a mãe que desejava uma filha, que veste de menina o seu filho e vice-versa, os conflitos da adolescência, os namoros frustrados. As tecnologias usadas para “curar” aquilo que chamam “tendências” – nunca é algo absoluto e fixo – geram sentimentos e memórias dissonantes e configuram experiências “heterossexuais”, defendidas como realizáveis por psicólogos que se assumem como cristãos, apesar de justos protestos do Conselho Federal de Psicologia (MACEDO, 2017). As tecnologias heteronormativas de si evidenciam a contingência histórica das associações entre sexualidade e gênero no caso masculino, pois pode haver mais tipos de equação/combinção do masculino: homossexual-viril-pai, homossexual-delicado-pai, heterossexual-delicado-pai ou heterossexual-viril-pai. Essa tecnologia de reorientação sexual revelava, e revela, na verdade, as tensões inscritas na ordem arbitrária do gênero e do sexo, ambos indeterminados, não-definitivos, ao mesmo tempo em que se atola em uma contradição: se a natureza do homem é ser heterossexual-viril-másculo outras estruturas de gênero-sexo não poderia, existir ou emergir.

Há, todavia, em menor volume e presença, leituras teológicas divergentes-diferentes, deslocando e desconstruindo a naturalidade-sacralidade da equação homem-heterossexual-viril e apontando existências e teologias (*queer*, *gay* ou homossexual) (MUSSKOPF, 2012). As novas existências trans-homo-afetivas acentuam uma das gramáticas pós-modernas: o princípio da não-coincidência, da incerteza e do não-alinhamento entre papéis sociais, identidades de gêneros, desejos sexuais e estruturas biológico-genéticas e, simultaneamente, a defesa e a promoção de políticas e normas antidiscriminatórias (OLIVEIRA, AZEVEDO, 2019). Às narrativas cristãs reacionário-conservadoras opõem-se uma série de contranarrativas não-conservadoras que, ao invés de “patologizar/tornar pecado” a homossexualidade, a vê, por conseguinte, inscrita nas ordens naturais do sexo, nas ordens sociais do gênero e nas ordens espirituais da escritura sagrada, a Bíblia. Nos variados grupos evangélicos, o combate às minorias gênero-sexuais e aos seus direitos evidencia, por contraposição, uma narrativa de homem-heterossexual-masculino em que o ser viril, macho, pai e sentir-se atraído, afetiva e sexualmente por mulheres são sinônimos naturais e coextensivos ontologicamente.

À luta de grupos religiosos e conservadores alinha-se a defesa da diferença biológica entre o corpo masculino e o corpo feminino, isto é, da “diferença anatômica

entre os órgãos sexuais”, como “justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros” (BOURDIEU, 2010, p.20). Num mundo plural, com politeísmos identitários, religiosos, espirituais, sociais, sexuais, os modos de viver e existir alinhados aos monoteísmos são vistos, por muitos, como apenas mais um dos modos de ser e viver disponíveis. A percepção dessa perspectiva aciona os jogos reflexivos, tragando as tradições para um mundo pós-tradicional. As tradições antes naturalizadas, mobilizando um imenso poder simbólico e concreto advindo de sua aceitação ampla, internalizada nos corpos e mentes, de evidência imediata e fora de questão, tornam-se deslocadas em novos contextos sociais, culturais e políticos, não são mais evidentes por si mesmas e não mais vistas como naturais (GIDDENS, 2001).

Ao empreender as defesas e procurar justificar sua existência, entrando em todos os espaços e esfera públicas, das redes eletrônicas às marcas em avenidas e praças, a Tradição perde sua condição de Real, de única realidade, e torna-se tradição justificada e, sendo assim, ingressa no pós-tradicional (GIDDENS, 2001). Não obstante, os argumentos essencialistas podem tornar-se parte das lutas de minorias. Há grupos que dizem, por exemplo, que sem experiências fecais, lésbicas, homossexuais não é possível – epistemológica e pragmaticamente – discutir feminismo, homossexualidade e as questões relativas a esses universos vivenciais-culturais.¹⁶ Constrói-se um oposto assimétrico do argumento dos moralistas-conservadores religiosos e, logo, um contrassenso. Com efeito, as oposições estão na maneira como a representação do ponto fixo é posicionada na arquitetura do discurso e da ação de grupos conservadores religiosos e dos grupos de luta pelos direitos de minorias de gênero/sexuais.

Por um lado, o argumento biológico é o aríete que os órfãos da tradição usam para manietar os grupos de defesa de minorias ao localizarem determinada ordem social e sexual (a equação homem é igual a heterossexual, viril, pai, marido, macho) no reino do instinto e da genética. Por outro lado, o argumento biológico se torna uma arma retórica para reivindicar a preeminência no debate epistemológico-político. Porém, as disputas feministas e de minorias sexo-gênero, se deram no sentido de (des)enclausurar a discussão em torno do reinado da natureza - des-fetichizado. Repensa-se a dimensão biológico-cultural-social do sexo-gênero e traz-se para o centro dos debates, a política e a epistemologia, juntas, em chave interseccional.

¹⁶ Esse argumento é exposto, indiretamente, por Preciado, ao comentar as críticas que a noção de “homossexualidade molecular”, de Gilles Deleuze, sofreu do movimento gay (PRECIADO, 2015). A “suposta ‘homossexualidade molecular’ de Deleuze é [...] ‘puro teatro, simulacro calculado’, uma forma de lamentar publicamente por trás da qual se esconderia uma demência e uma fecalidade que só poderiam ser qualificadas de hipócritas.” (PRECIADO, 2015). Preciado (2015) responde: “Resta

Mas, “o corpo e seus movimentos, matrizes universais que estão submetidos a um trabalho de construção social, não são nem completamente determinados em sua significação, sobretudo sexual, nem totalmente indeterminados” (BOURDIEU, 2010, p.20). O “simbolismo que lhes é atribuído é, ao mesmo tempo, convencional e ‘motivado’, e, assim, percebido como quase natural” (BOURDIEU, 2010, p. 20). Não há sobredeterminações, mas mediadores e mediações que formulam o saber-fazer e o fazer-saber da sexualidade e do gênero (macho e fêmea; masculinidade e feminilidade; viril e inviril) em estruturas de longa duração e conjunturas específicas. Nesse sentido, as definições sociais dos órgãos sexuais não são apenas registros de propriedades naturais diretamente percebidas. Trata-se de uma “construção efetuada à custa de uma série de escolhas orientadas [...] através da acentuação de certas diferenças ou do obscurecimento de certas semelhanças” (BOURDIEU, 2010, p.23). Ora, a força da dominação masculina, em sua versão heterossexual, é trans-histórica, plantada em dualismos duramente arraigados (homem/mulher, viril/delicado, heterossexual/homossexual) que estão “[...] profundamente enraizados nas coisas e nos corpos, não nasceram de um simples feito de nomenclatura verbal [...]”. (BOURDIEU, 2010, p. 25). Assim, “os gêneros, longe de serem simples ‘papeis’ [...] estão inscritos nos corpos e em todo um universo do qual extraem sua força. É ordem dos gêneros que fundamenta a eficácia performativa das palavras – e mais especialmente dos insultos [...]” (BOURDIEU, 2010, p. 25). No modelo tradicional de sexualidade-gênero, os dualismos se mantêm ocultos (internalizados) e ganham formatos, entre os quais: o homem é marido, pai, heterossexual, forte, viril, ofensivo, atua nos espaços públicos, dominador, racional e não cuida das tarefas domésticas; a mulher é mãe, heterossexual, defensiva, emotiva, delicada, atua nos espaços privados, é emotiva e intuitiva e cuida das tarefas domésticas e da prole.

A batalha para manter a hegemonia do masculino-heterossexual-cristão

De imediato, uma constatação: “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se enunciar em discursos que visem legitimá-la” (BOURDIEU, 2010, p.18). O arbitrário, historicamente constituído como dominação, torna-se natural e tão evidente que dispensa campanhas por sua defesa ou discursos de legitimação. Nesse caso, é todo sistema de dominação masculina: a hegemonia sobre a ordem social, cultural, econômica e sexual nas sociedades. Nas décadas de 1970 e 1980, os estudos sobre masculinidade já mostravam a crise das tradições imagéticas e estruturas herdadas das

saber, no entanto, por que Deleuze, um ‘senhor correto e simpático’, teria tido a necessidade de se identificar como homossexual, e de se separar de tal identificação mediante o adjetivo ‘molecular’.”

antigas configurações familiares e sexuais (LEMOS, 2009). Assim, quando as campanhas de defesa de uma ordem moral-sexual e os discursos legitimadores surgem e recrudescem, em especial no campo religioso, é sinal-sintoma-signo de fraturas no compacto conjunto das ordens sociais androcêntricas. Os grupos, preocupados em preservar ou reconstruir (reconstituir) hierarquias sociais, enfatizam a dimensão do biológico como fato central, indiscutível e inegociável em suas campanhas culturais, ou seja, em suas práticas de mobilização (manifestações, passeatas, pressão política), feitas para suscitar a adesão a valores, crenças e ideias nutridas a respeito da vida social, das diferenças, das religiões, do cosmos etc.

Ora, esses não são agrupamentos restritos aos evangélicos, mas mantêm com estes uma estreita relação: revistas, livros, grupos, páginas e comunidades virtuais se multiplicam, alguns agressivos e patológicos, conhecidas como masculinistas (*mascus*), algumas mais leves e irônicas, outras preocupadas com a perda da heterossexualidade-viril-máscula, outras bem-humoradas.¹⁷ Esses exemplos parecem integrar importantes mudanças no campo da heterossexualidade – que são ainda pouco estudadas nas relações com a religiosidade. O elemento biológico, expresso na ideia de comportamentos sexuais definidos, masculinidade e feminilidade, correspondendo a funções familiares específicas, pai e mãe, tornou-se um símbolo infraestrutural do cristianismo ao longo dos séculos, mas foi reconfigurado no mundo moderno. Embora o recurso ao biológico esteja submetido à ordem da retórica, a ordem genético-natural é objeto de engenharias sofisticadas (duplicação genética, animais e plantas híbridas) e de redefinições (a medicina contemporânea redefiniu a sexualidade em quatro dimensões/tipos, a da gônada, a hormonal, a genital e a mental que podem ou não estar alinhadas entre si).

Desde a segunda metade do século XX, em especial no caudal da contracultura norte-americana, em diversas dimensões da vida e do espaço público (principalmente no setor artístico, de *marketing* e de meios de comunicação de massa) intensificou-se a desconstrução da sinonímia, historicamente contingente, entre virilidade-heterossexualidade-masculinidade-paternidade. Música, cinema, fotografia, moda, propaganda e comerciais de TV, quadros e programas humorísticos e de variedades nos rádios e TVs e, posteriormente, na rede mundial de computadores, livros e literatura (romances, quadrinhos, fotonovelas), em todos esses meios observa-se a dissociação do homem-másculo-heterossexual-pai de sua tradição cultural hegemônica. No mundo da televisão, muitos quadros, dentre eles humorísticos, em especial pela carga irônica e, ao mesmo tempo, pelo humor, desconstruíram as lógicas tradicionalistas, em um cenário de

¹⁷ Entre as páginas e revistas eletrônicas temos <https://www.facebook.com/menshealthbrasil>. Entre os sites agressivos: <http://masculinismoedireitosiguais.blogspot.com.br/> e <http://canal.bufalo.info/>. Acesso em: 12 nov. 2019.

transformações que sacudiu e sacode o Mundo Ocidental e, inserido nele, o Brasil¹⁸. Pela lógica cultural consumerista em uma sociedade cada vez mais globalizada, difusão e consumo de imagens são também produção e consumo de ideias, semânticas, produzindo-se identificações e aberturas identitárias.

Os espaços públicos, os espaços políticos (organismos legislativos e legislações) e os meios de comunicação de massa e eletrônicos se tornaram campos de batalhas entre as novas narrativas da relação sexo-gênero e as antigas narrativas, ainda lastreadas em determinadas visões de mundo, produtos e construtos históricos compactos e tornados tradição. Diante da vastidão e profundidade das mudanças culturais nas imagens, mitos e símbolos da relação sexo-gênero, principalmente em relação à concepção da heterossexualidade masculina, ocorreram ondas conservadoras, com suas reverberações e com maior ou menor repercussão, lançando mão de diversos mecanismos de contranarrativas e atuação político-social moralista-conservadora.

No Brasil, é possível recordar pelo menos duas grandes ondas nos últimos trinta anos: aquela que emergiu no fim da década de 1980, justamente após o avanço do feminismo e das reivindicações de minorias étnicas e sexuais, convergindo com a derrota do Partido dos Trabalhadores (PT) nas campanhas eleitorais de 1989 e a eleição de Fernando Collor; e a atual onda conservadora, com picos agudos de manifestação, que se inicia no fim de década de 2000, convergindo com as eleições de 2010/2014 e a as eleições de 2018, marcadas pelo signo de moralidade heteronormativa. É preciso fazer um comentário sobre os evangélicos: há diversidade em termos teológicos, organizacionais, históricos e em termos de ação política, partidária e não-partidária. Dentre os grupos evangélicos, aproximaram-se do PT, construindo alianças programáticas ou táticas (ocupando cargos no segundo e terceiro escalão do Poder Executivo) aqueles ligados à Igreja Universal do Reino de Deus e outras igrejas, dispersos entre os pentecostais (parte das Assembleias de Deus) e evangélicos históricos (parte dos Luteranos e dos Metodistas, por exemplo).

Muitos grupos ligados às Assembleias de Deus, aos Batistas tradicionais e renovados e as igrejas pentecostais e históricas (algumas), posicionaram-se (posicionam-se) contra as esquerdas e suas políticas de respeito aos direitos de minorias. Das Assembleias de Deus, maior conglomerado pentecostal brasileiro (mais de 12 milhões de

¹⁸ Cabem aqui interessantes associações, simbologias e conexões. No Brasil, havia um famoso quadro, “Capitão Gay”, no programa humorístico produzido por Jô Soares (“Viva o Gordo”). Na década de 1980, quando eu era criança e assistia às segundas-feiras à noite, o quadro fazia sucesso, famílias e crianças gostavam. Um super-herói gay, com um assistente também gay, com os trejeitos humorados da associação entre homem-gay-delicado-sensível-inteligente, que fazia rir muito, mas

fiéis), emergiu o Deputado Sóstenes Cavalcante (DEM-RJ), teólogo e relator do projeto de lei que define a família como exclusivamente composta de mulher e homem. Cruza-se, assim a cozinha do modelo familiar evangélico-vitoriano em direção à praça pública do mundo moderno racional e laico (MCCLINTOCK, 2010). O fato de existir uma campanha em defesa da heterossexualidade, tal como é defendida e representada por grupos cristãos, contra sua (planejada para alguns) deslegitimação, torna evidente a crise do biológico enquanto representação social e como símbolo de uma ordem social-familiar-sexual que se tornou hegemônica *pari passu* à constituição da modernidade moderna. Essas mobilizações assumem os mais variados tons, desde um plano mundial em marcha conduzido por supostas “ideólogas do feminismo” (Beauvoir, Butler) e um complô gay mundial.

Os evangélicos pentecostais ainda estavam ligados a uma doutrina ascética de retirada do mundo (o mundo jaz sobre o maligno, ética do trabalho e da ascese pessoal e comportamental), com alguma inserção política e midiática e regras comportamentais e estéticas mais rígidas (VITAL; LOPES, 2013; MACHADO. 2006; FERNANDES et al, 1998). A emergência dessas questões sobre a moral-sexual cristã conservadora pode ser compreendida na esteira do avanço dos evangélicos na sociedade em geral e, principalmente, nos meios de comunicação e nos espaços públicos, o que começa a ficar bem evidente durante a década de 1980. Essas posições ganham a agenda pública no caudal de um forte movimento de inserção dos evangélicos na política, mídia e espaços sociais. O início desse processo se deu a partir do retorno à democracia, após o fim da Ditadura Militar, na Assembleia Constituinte e Nova Constituição (1985-1988). Nas eleições de 1982, foram eleitos 12 deputados federais evangélicos, sendo dois (2) pentecostais, já em 1986, foram trinta e dois (32) parlamentares, sendo dezoito (18) pentecostais. Paulatinamente, a expansão dos evangélicos na política avançou sobre as outras esferas do poder estatal: câmaras estaduais e municipais, além das estruturas do executivo estadual e municipal, transbordando a esfera legislativa nacional. Os espaços midiáticos também sofreram forte influência evangélica, especialmente os meios de comunicação, como a televisão e a internet – nesta última muito através das redes sociais eletrônicas. As igrejas evangélicas elegeram deputados e, a partir daí, exerceram crescente influência nas eleições, como as de 2010, 2014 e 2018. Em 2017, alcançaram a cifra de aproximadamente 90 parlamentares (SILVA, 2017). Esses setores evangélicos, com muitas lideranças em diversos níveis (municipal, estadual e federal) – entre elas o pastor

que continha muitos elementos interessantes, a começar pela chamada do personagem: “capitão gay, gay de alegria, gay de defensor das minorias” e outros bordões.

Silas Malafaia e o deputado-pastor Marco Feliciano –, começaram a levar essa contranarrativa de gênero-sexo ao espaço público e político.

Porém, cabe observar que os evangélicos possuem imensa diversidade interna, em termos teológicos, rituais, mitológicos, organizativos e mítico-narrativos, que vão desde as posições conservadoras (inerrância e fundamentalismo bíblico) até as baseadas nas lutas de minorias sexuais (teologia *queer* e igrejas inclusivas) (MUSSKOPF, 2012; FERNANDES et al, 1998). Essa diversidade de vozes no mundo evangélico precisa ser tornada mais pública, pois podem ser identificadas ao longo de sua história de longa duração e nas últimas polêmicas que agitam o mundo sócio-cultural brasileiro – como, por exemplo, as relativas às novelas e propagandas, particularmente quando as cenas e personagens apontam para outras formas de viver/(a)parecer/ser a sexualidade e o gênero (homossexuais e transgêneros).¹⁹

O avanço de imaginários e rituais reacionário-religiosos é a medida da solvência da ordem e da tradicional imagem de homem-heterossexual-marido-pai. A sustentação simbólico-jurídica-cultural dessa ordem mostra-se mais frágil e os grupos sociais a ela ligados, por afinidade teológico-estrutural, lançam mão de uma frente contranarrativa que mobiliza legislações, por exemplo, para estabilizar a solvência ou para restaurar o antigo estado de arte – o que não parece ser possível, mesmo com o acionamento de grandes forças midiáticas e políticas, em todos os níveis da estrutura do Estado. Dessa forma, vereadores e deputados evangélicos mobilizaram-se para cravar no calendário nacional propostas como a do Dia do Heterossexual. Em algumas cidades-símbolos do Brasil, como São Paulo e Rio de Janeiro, com grande contingente de evangélicos pentecostais e neopentecostais, superando a média nacional, segundo o IBGE, grupos políticos religiosos cristãos ultraconservadores propuseram a ideia do Dia do Heterossexual. Em 2011 e 2015 (DOMINGOS, 2011; O DIA, 2015), nas Câmaras Municipais paulista e carioca, tramitaram ou iniciaram a tramitação, projetos de lei instituindo a comemoração cívica da heterossexualidade. Em nível federal, o projeto de lei que institui o Dia do Orgulho Heterossexual foi apresentado pela primeira vez em 2011. Arquivado, em 2015 voltou à pauta. Tornou-se motivo de polêmicas noticiadas por grandes jornais, pela pequena imprensa e nas redes sociais, multiplicou reações, irônicas e apologéticas (em defesa). Uma convergência de elementos acentuou os processos de desnaturalização da heterossexualidade normativa: a crise das autorrepresentações da masculinidade, ascensão dos evangélicos e seu conservadorismo moral na esfera social midiática e política, aumento da pluralidade de representações de gênero. Por iniciativa do ex-deputado

¹⁹ Vou dar exemplos no meio evangélico, um de longa duração: a comunidade Oneida, nos EUA, formada por cristãos que possuíam outras formas de conceber a família e o casamento fora do padrão heteronormativo-patriarcal (CARRARA, 1999).

Eduardo Cunha, tentou-se tramitar um projeto de lei sobre o Dia do Orgulho Heterossexual na Câmara Federal (BRASIL, 2011). Apesar dos esforços, inclusive com a proposição de convocar uma Audiência Pública sobre o tema, que não foi realizada devido ao acirramento dos embates políticos e econômicos. Cunha é tirado da presidência da Câmara, perde o mandato e é preso na operação Lava-Jato.

A heterossexualidade-máscula-familiar é, dentre diversos itens da contranarrativa evangélica, um dos mais importantes, ao lado de tentativa de fixar na Constituição a definição da família como sendo formada por homem e mulher, em termo sexual-biológico. Revela-se, com tudo isso, que a auto-evidência da antiga ordem heteronormativa de dissolveu. São peças retóricas de contrassenso porque procuram se equilibrar entre os argumentos modernos, reflexivos, e a reivindicação, tácita, da preeminência biológica ou de inversões simbólicas, nas quais a ordem dominante aparece como dominada ou submetida à dominação, a maioria torna-se minoria:

A presente proposta visa resguardar direitos e garantias aos heterossexuais de se manifestarem e terem a prerrogativa de se orgulharem do mesmo e não serem discriminados por isso. No momento que discutem preconceito contra homossexuais, acabam criando outro tipo de discriminação contra os heterossexuais e além disso o estímulo da “ideologia gay” supera todo e qualquer combate ao preconceito. Aqueles que tem bom senso são contra qualquer tipo de preconceito, seja por cor, raça, religião e opção sexual. Contudo, não podemos confundir combate a preconceito com uma ideologia de venerar a razão do próprio preconceito. O objetivo aqui é a livre manifestação das famílias, daqueles que respeitam as opções sexuais de quem quer que seja, mas querem deixar claro a sua opção e não irão se envergonhar dela. Daqui a pouco os heterossexuais se transformarão pela propaganda midiática em reacionários e nós queremos ter a nossa opção pela família sendo alardeada com orgulho (BRASIL, 2011).

Quando se lê a afirmação do discurso acima – “não podemos confundir combate ao preconceito com uma ideologia de venerar a razão do próprio preconceito” – há um forte não-dito, que ganha nessa frase toda força, por inveja: venerar e venérea são etimologias da palavra Vênus, a deusa romana do amor. Amar a razão de ser o que se é e

gostar do que se gosta são negados aos outros, enquanto afirma-se a própria veneração e o direito de assim se manifestar. Acusa-se a existência de uma ideologia gay, a partir de uma invenção ideológica: discutir o preconceito contra os homossexuais criaria no mesmo ato – segundo a visão ultraconservadora cristã – o preconceito contra os heterossexuais. Nota-se que, nesses discursos, os heterossexuais aparecem como necessitados de direitos/garantias, como se fossem discriminados em empregos,²⁰ como se lhes faltassem direitos civis e sociais ou sofressem violência (assassinatos e outras) pelo fato de assumirem o que pretendem ser. A inversão continua: vê-se como necessária uma lei que garanta a prerrogativa de se orgulhar da heterossexualidade. Uma espécie de ressentimentos enciumado insinua-se: “somos nós, e não eles, os que são perseguidos, tolhidos, censurados e cerceados por sermos o que somos e gostarmos do que gostamos”. Ora, é justamente essa a razão dos ordenamentos pós-tradicionais que, quando não são mais evidentes, indissociáveis do mundo e de suas estruturas, só se tornam plausíveis por outras vias: reflexivas, reacionário-reativas ou ofensivo-bélicas. Em outras palavras, os cristãos ultraconservadores tentam, de forma melancólica, ressuscitar o absoluto, Deus, como demiurgos, num trajeto que completa a inversão simbólica, “se não há mais Deus, inventamo-lo”. Há um estranho comportamento entre evangélicos reacionários que revela medo e inveja das minorias e que reforça uma identificação neurótica com o objeto (minorias e sua ação afirmativa,) em relação ao qual sentem simultaneamente atração e repulsa. Admiração pela coragem dos feminismos e LGBTQIA+ de re-existirem (resistir) com liberdade de ser quem são e amargor na constatação que o que se é, só existe como um dos devires, um vir-a-ser, entre tantos.

O projeto do dia do heterossexual não é o único, mas está associado a outros que reforçam a pauta de um reconstrucionismo heteronormativo. A partir de 2015, foram autorizadas a recriação de comissão para discutir o Projeto de Lei 6583 de 2013 (BRASIL, 2013), conhecido como Estatuto da Família. Esse projeto de lei tramita há quase dois anos na Câmara e um dos possíveis desdobramentos pode ser o embargo à adoção de crianças por casais homossexuais, que, embora não esteja previsto na legislação, inúmeras decisões judiciais têm garantido. Dentre outras medidas desarquivadas e que continuam tramitando, há quatro contrárias ao aborto: o Projeto de Lei (PL) 7443/2006, que determina a inclusão do procedimento dentre os crimes considerados hediondos; o PL 1545/2011, que impõe ao médico que praticar o aborto, fora das hipóteses previstas em lei, uma pena de prisão que vai de seis a 20 anos; a Proposta de Emenda à Constituição (PEC) 164/2012, que diz que a inviolabilidade do

²⁰ Estudos recentes indicam que os homossexuais, travestis e outras minorias sofrem intenso preconceito no mercado de trabalho. Para mais, cf. CARTA CAPITAL, 2015.

direito à vida é garantia de todos “desde a concepção”, incluindo, portanto, o feto; e o PL 5069/2013, que passa a considerar crime contra a vida o anúncio de substância ou objeto destinado à interrupção da gravidez e a orientação de gestantes para o procedimento, com pena de até dez anos de reclusão.

Considerações quase conclusivas

Em outras palavras, tenta-se fazer a ressurreição do corpo de Deus, mas, como Nietzsche (2005; 2012) anunciou no século XIX, Ele está morto e seus restos mortais se espalharam. Não é mais possível um fundamento absoluto, único, total das realidades humanas. Com efeito, o despedaçamento do consenso cultural-religioso sobre o que é ser e parecer viril, homem, heterossexual, homem, pai, chefe e marido, trouxe à tona muitas formas de narrativa, associação, campanha cultural, luta e mobilização – regressivas ou defensivas. Dito de outra maneira, são formas características da moral fechada. No mesmo ato em que defendem uma ordem natural das coisas e das relações entre homens, mulheres e família, desejos, sexualidade e vida, supostamente ameaçadas por outras ordens artificiais e equivocadas, reconhecem a não-naturalidade daquilo que defendem, pois precisam da retórica e de ações concretas para tornar plausível essa ordem natural. Uma posição antropológica decolonial, interseccional e pós-moderna poderia contribuir para desnaturalizar e desbanalizar as dimensões nas quais o debate, a polêmica e a pesquisa sobre homem-macho-masculino têm ocorrido: a natureza (biologia, instinto), a cultura (estruturas simbólicas), as minorias sociosexuais e as maiorias religiosas conservadoras.

Os evangélicos ultraconservadores buscam o restabelecimento de uma escritura divina sobre corpos e corporeidades vigente em um determinado período histórico – a matriz dominante heterossexual, mas também uma escritura que marque as ruas (marchas e mobilizações), calendários, o corpo cívico da nação tentando reaver a ideia de conaturalidade entre família (homem-mulher), sexualidade (macho-fêmea) e orientação sexual (heterossexual). Nesse sentido, contrapõe-se a outras buscas de redefinição do texto (sexo) e da escritura (gênero) por parte de minorias sexuais, movimentos feministas e homossexuais.

As equações que enlaçam heterossexualidade-masculinidade-homem-marido-pai podem existir no meio religioso como uma das possibilidades de construção sexo-gênero, sem que seja, necessariamente, defendida por leis e legislações como a única ou a verdadeira. Essas equações podem, inclusive, sofrer o influxo das conquistas e lutas feministas e de minorias tanto na esfera privada quanto na esfera pública. Isso, por exemplo, quando desnaturalizam antigas posições de afastamento do homem-heterossexual das tarefas domésticas, legitimando a redução da desigualdade de papéis e

atribuições (lavar, passar, cuidar dos filhos) e quando legitimam novas posições e papéis das mulheres como empresárias, políticas, trabalhadoras e outras. É possível que essas equações (transformadas ou não) coexistam com outras formas e estruturas. Um dos indicadores dessa possibilidade seria a disposição de alguns grupos de evangélicos em aceitar e respeitar, por razões teológico-bíblicas ou por outras razões, inclusive acadêmico-sociais, outras configurações de afeto e família (homossexuais) – ainda que sejam grupos minoritários e com pouca visibilidade pública e política. Mas, de novo, atravessa-se a cozinha da religião em direção à praça pública. Sexo e gênero em qualquer de suas combinações, e as instituições que lhes dão sustentação (majoritárias e minoritárias), em especial no campo da religião, necessitam ser abaladas, repensadas e ressemantizadas, abrindo-se o caminho para novas ideias e práticas na relação entre a sociedade pós-tradicional e o mundo religioso evangélico.

Referências Bibliográficas

- ALENCAR, Gedeon Freire de. *Protestantismo tupiniquim*. Hipóteses sobre a (não)contribuição evangélica à cultura brasileira. São Paulo: Editora Recriar, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2010.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. *PL 1672/2011*. Disponível em:
<<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=510199>> Acesso em: 12 nov. 2019.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. *PL 6583/2013*. Disponível em:
<<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=597005>> Acesso em 12 nov. 2019.
- BRAUDEL, Fernand. A longa duração. In: BRAUDEL, Fernand. *História e Ciências Sociais*. Lisboa: Editorial Presença LTDA, 1990, p. 7-39.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.
- CARRARA, Sérgio. Utopias sexuais modernas: uma experiência religiosa americana. *Religião & Sociedade*. Rio de Janeiro, volume 20, número 1, abril de 1999, p. 93-108.
- CARTA CAPITAL. Duas em cada dez empresas se recusam a contratar homossexuais no Brasil. *Carta Capital*, 20 de maio de 2015, edição online. Disponível em:
<<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/duas-em-cada-dez-empresas-se-recusam-a-contratar-homossexuais-no-brasil-1703/>> Acesso em 12 nov. 2019.
- COLLING, Leandro (org.). *Stonewall 40 + o que no Brasil?* Salvador: EDUFBA, 2011
- CORRÊA, Sonia; PARKER, Richard (Orgs.). *Sexualidade e política na América Latina: histórias, interseções e paradoxos*. Rio de Janeiro: ABIA, 2011.

- COSTA, Moab C. Carvalho. *O aggiornamento do pentecostalismo brasileiro: as Assembleias de Deus e o processo de acomodação à sociedade de consumidores*. São Paulo: Editora Recriar, 2019.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DOMINGOS, Roney. Câmara de SP aprova o Dia do Orgulho Hétero. *G1 SP*, edição online. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/08/camara-de-sp-aprova-dia-do-orgulho-hetero.html>>. Acesso em: 12 nov. 2019.
- FACHINI, R. *Sopa de Letrinhas? Movimento homossexual e a produção e identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- FERNANDES, Rubem César et al. *Novo nascimento: os evangélicos em casa, na igreja e na Política*. Rio de Janeiro: Mauad, 1988.
- FRESTON, Paul. Pentecostalism in Brazil: a brief history. *Religion*, Abingdon: Taylor & Francis, n. 2, v. 25, 1995, pp.119-133.
- FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- FREUD, Sigmund. *Totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- GHIRALDELLI, Paulo. *Luciano Huck se apresenta como anti-establishment*. 2019. (29m24s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4QPSIMg3Qic&t=1487s>> Acesso em 12 nov. 2019.
- GIDDENS, Anthony. A vida em uma sociedade pós-tradicional. In: GIDDENS, Anthony. *Em defesa da sociologia*. Ensaios, interpretações e réplicas. São Paulo: UNESP, 2001, p. 21-96.
- JESUS, Fátima Weiss de. Uma Igreja Inclusiva na parada: religião, visibilidade e política da/na diversidade, *Congresso Fazendo Gênero, "Diásporas, Diversidades, Deslocamentos"*. Universidade Federal de Santa Catarina, 23 a 26 de agosto de 2010, Anais. Disponível em: <<http://nigs.paginas.ufsc.br/files/2012/01/fatima-uma-igreja-inclusiva.pdf>> Acesso em 12 nov. 2019.
- JURKEWICZ, Regina Soares (org.). *Teologias fora do armário: teologia, gênero e diversidade sexual*. Jundiá: Max Editora, 2019.
- LEANDRO, Cláudio Leite. SEXXXCHURCH – Diversidade sexual em Igrejas evangélicas “pós-modernas”. *Anais Eletrônicos do Fazendo Gênero 9: Diáspora, Diversidades, Deslocamentos*. 2010. Disponível em: <<http://nigs.paginas.ufsc.br/files/2012/01/Texto-completo-fg9.pdf>> Acesso em 12 nov. 2019.
- LEMOS, Fernanda. *Religião e masculinidade*. Identidades plurais na modernidade. Santo André: Fortune, 2009.

- MACEDO, Cleber. *A “clínica pastoral” dos psicólogos cristãos no Brasil*. 120 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva). Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017
- MACHADO, Maria das Dores Campos. *Política e religião: a participação dos evangélicos nas eleições*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- MCCLINTOCK, Anne. *Couro imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Campinas, Editora da Unicamp, 2010.
- MILL, John Stuart. *A sujeição das mulheres*. Coimbra: Almeida, 2006.
- MUSSKOPF, André S. Queer: Teoria, hermenêutica e corporeidade. In: TRASFERETTI, José. *Teologia e sexualidade*. Um ensaio contra a exclusão moral. Campinas: Átomo, 2004. p. 179-212.
- MUSSKOPF, André S. *Uma brecha no armário*. Propostas para uma Teologia Gay. 2ª edição. São Leopoldo: CEBI, 2005.
- MUSSKOPF, André. *Via(da)gens teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.
- NATIVIDADE, M.T. *Deus me aceita como eu sou? A disputa sobre o significado da homossexualidade entre evangélicos no Brasil*. Tese (Doutorado em Antropologia e Sociologia). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.
- NIETZSCHE, Friedrich W. *A gaia ciência*, São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich W. *Genealogia da moral*. São Paulo: Editora Escala, 2005.
- O DIA. Vereadores querem criar dia do orgulho hétero. *O Dia*, edição online. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-05-22/vereadores-querem-criar-dia-do-orgulho-hetero.html>> Acesso em: 12 nov. 2019.
- OLIVEIRA, Luiz F.; AZEVEDO, Israel de Jesus. LGBTQI+fobia: um estudo sobre a elaboração de normas antidiscriminatórias como forma de ação afirmativa no Brasil. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 50, n. 3, nov. 2019/fev. 2020, p. 115–158.
- PRECIADO, Paul Beatriz. Da filosofia como modo superior de dar o cu ou Deleuze e a “homossexualidade molecular” <<https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/2015/10/14/da-filosofia-como-modo-superior-de-dar-o-cu-ou-deleuze-e-a-homossexualidade-molecular-paul-beatriz-preciado/>> Acesso em: 13 nov. 2019.
- PRECIADO, Paul Beatriz. *Manifiesto contra-sexual: prácticas subversivas de identidad sexual*. Madrid: Opera Prima, 2002.
- RIBEIRO, Djamila. *Quem tem medo do feminismo negro?* São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- SERRA, Cris. *Viemos pra comungar: os grupos católicos LGBT brasileiros e suas estratégias de permanência na igreja*. Rio de Janeiro: Metanoia, 2019.

- SILVA, Luis Gustavo Teixeira da. Religião e política no Brasil. *Latinoamérica*, México, n. 64, p. 223-256, jun. 2017. Disponível em
<http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1665-85742017000100223&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 22 out. 2019.
- SPERB, Paula. Existe uma base teológica sobre igualdade de gênero, diz arcebispa da Suécia. *Folha de S. Paulo*, 1 nov. 2019, edição *online*. Disponível em:
<<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/11/existe-uma-base-teologica-sobre-igualdade-de-genero-diz-arcebispa-da-suecia.shtml>> Acesso em: 12 nov. 2019.
- VITAL, Christina; LOPES, Paulo Victor Leite. *Religião e Política: uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e de LGBTs no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll & Instituto de estudos da Religião (ISER), 2013.